

# linguagem das imagens e o conceito de paisagem

Maria Eduarda Garcia Cardoso\*

## **Abstract**

---

*This essay presents an analysis of the concept of surrounding, under the perspective of imagery language, collected in a sample of Geography didactic books for the 5<sup>th</sup> grade of elementary school. The studied images are concerned to drawings, picture reproductions and photos. This analysis was constructed on the joint of imagery language and written language, on the images pedagogical adequacy and on the approach to the referent: the surrounding.*

---

## **Introdução**

É indiscutível a centralidade da linguagem seja em suas modalidades oral, escrita ou imagética no processo pedagógico. Dessa forma pensá-la de forma abrangente, problematizadora e dialógica é essencial.

O manual didático vem se consolidando como o principal *locus* onde ocorre a triagem, condensação e vulgarização do conhecimento científico. Seu projeto pedagógico concretiza-se através das linguagens escrita e das imagens. São essas linguagens que exercem a mediação entre o conhecimento científico e o ensino. Portanto, seus aspectos qualitativos e os discursos pedagógico e geográfico

---

\* Professora de Geografia e Metodologia de Ensino no Colégio de Aplicação João XXIII/UFGF - Mestre/USP

nelas implícitos são essenciais para uma interação profícua entre educando e esse manual.

Freqüentemente essa percepção da relevância da linguagem não está presente em nossa prática, como professores e, talvez seja possível afirmar, é de pouca expressão, também, no que diz respeito aos manuais didáticos.

A presente análise é parte de um estudo mais abrangente do conceito de paisagem no livro didático. Outra vertente de estudo tomou por eixo a linguagem escrita, discutindo-a em duas dimensões: a abordagem geográfica do conceito e o grau de legibilidade do texto na perspectiva da interação texto-leitor.

O enfoque no conceito de paisagem estruturou-se nas constantes evidências da maneira deficiente com que muitos manuais didáticos o transmitem e na sua importância como um dos conceitos centrais do conhecimento geográfico.

A paisagem por retratar, concretamente, as formas produzidas pela sociedade no espaço, configura-se um conceito extremamente importante no ensino. Partindo da observação da paisagem, de sua descrição, da análise de seus elementos constitutivos e suas interrelações, o educando pode efetuar uma primeira leitura do real que irá sendo aprofundada, gradativamente, para além do que é aparente.

O conceito de paisagem, assim como outros conceitos geográficos vêm sofrendo um processo de redefinição, motivado pela dinâmica do conhecimento. Porém, o caráter essencial de rediscuti-los parece não estar sendo compartilhado pela maioria dos autores didáticos.

## ***1. Notas sobre a representação da paisagem***

Há um volume considerável de publicações que abordam a imagem sob variados enfoques: o da semiótica, o da história da arte, o da antropologia, o da informática etc. Entretanto, no que se refere ao uso de imagens fixas no ensino de Geografia, especialmente as analisadas no presente trabalho, como reproduções de pinturas, desenhos e fotografias, pode-se afirmar que há uma limitação bibliográfica tanto em número, quanto em qualidade. A imagem, em boa parte dos livros, é abordada de forma apenas instrumental, não sendo alvo de uma reflexão teórica aprofundada.

Contudo, apesar das insuficiências, procurou-se delinear algumas considerações sobre o uso e importância das imagens no contexto do manual didático e suas articulações com outras dimensões do ensino, como o papel mediador do professor.

Cumprе salientar que, da mesma forma que existe um discurso geográfico e pedagógico no livro didático, encontrando uma de suas formas de expressão na linguagem escrita, considera-se também existir um discurso referente à linguagem das imagens.

Esse modela-se nos critérios de seleção das mesmas, em sua capacidade expressiva e na relação com a linguagem escrita, já que dela não pode prescindir, seja através da legenda ou do próprio texto. Assim, palavra e imagem são complementares. Essa é uma premissa teórica que pautará a presente análise.

Inicialmente cabe explicitar a concepção de imagem presente neste estudo. Concorda-se com Neiva (1994, p.5), quando esse afirma que "imagem é basicamente uma síntese que oferece traços, cores e outros elementos visuais em simultaneidade. Após contemplar a síntese é possível explorá-la aos poucos; só então emerge novamente a totalidade da imagem".

O autor (1994, p.13) ainda afirma que "a visualidade é o que permite a imagem, que, por sua vez, recebe do mundo visual as características de sua figuração". A importância da percepção visual em relação à imagem é, portanto, primordial.

Remetendo aos estudos geográficos Claval (1997, p.99) evidencia a importância da visualidade. Em suas palavras:

O olhar que os homens projetam sobre o ambiente obteve a atenção dos geógrafos, uma vez que é ele que permite estruturar o espaço, opor o próximo ao distante, distinguir planos escalonares e perceber a realidade em múltiplas escalas - é sobre esta propriedade que se baseia toda a orientação geográfica.

A esse olhar talvez se possa atribuir a tradição iconográfica da ciência geográfica. Essa sempre esteve estreitamente ligada às imagens. Como afirma George (1993, p.168):

*A história da Geografia é uma longa história da imagem - tratando à parte a imagem cartográfica, que é já uma transferência da percepção visual direta para o esquema representativo e seletivo. As perspectivas tomadas de cima para baixo, sendo as mais conhecidas as das cidades fortificadas às quais a moldagem proporciona a terceira dimensão, os desenhos dos primeiros alpinistas, os esboços dos exploradores da África são peças importantes da iconografia geográfica de que se conservaram, felizmente, inúmeros testemunhos nas coleções das sociedades de geografia (...). Além disso, quem não se recorda dos esboços feitos no caderno de apontamentos das excursões, de miradouro natural ou de um campanário de uma igreja, na altura das visitas de estudo? E por que não se referir à linguagem do desenho de um Pierre Deffontaines?*

A imagem, portanto, vem exercendo um papel significativo nos estudos geográficos.

Do ponto de vista pedagógico, não há como se abordar o conteúdo geográfico desconsiderando o papel da imagem. A Geografia é uma ciência, como visto, de forte conotação visual. Incorporar, portanto, uma discussão

mais universal sobre a imagem, no que diz respeito ao ensino dessa disciplina, torna-se essencial.

Na ciência geográfica, a representação da paisagem através do desenho ou da fotografia incorpora uma dimensão histórica, merecendo ser apreciada, ainda que de forma breve.

A formação da idéia de paisagem vincula-se, intimamente, ao aspecto representativo e vai estar ao longo de sua evolução, até a concepção moderna, extremamente ligada à iconografia, sobretudo à pintura.

O Renascimento configurou profundas transformações nas formas de o homem conceber e se relacionar com a natureza advindas da filosofia humanista. O homem se torna observador da natureza. Institui-se a observação da mesma com o objetivo de dominá-la e explorar seus recursos. A concepção estática e imutável de natureza da Idade Média se transforma. Sevcenko (1985, p.16) considera que enquanto os teólogos tinham suas preocupações voltadas para Deus, ou seja, para o mundo transcendente, "...os humanistas, por sua vez voltavam-se para o aqui e o agora, para o mundo concreto dos seres humanos em luta entre si e com a natureza, a fim de terem um controle maior sobre o próprio destino..."

Essa nova visão da natureza vai se refletir, notadamente, na elaboração de uma sensibilidade diferenciada de representá-la no âmbito da arte, introduzindo a representação da paisagem na pintura. Destaca-se, nesse sentido, a pintura flamenga, de enfoque descritivo, realista e cuidadosa na representação dos fenômenos naturais, evidenciando um olhar de curiosidade científica e fonte de conhecimento em relação à natureza.

A propósito da pintura paisagística no Renascimento, Sevcenko (1985, p.16) afirma:

*Seguindo o gosto do Norte, grande parte dos artistas italianos se deixaria seduzir por uma pintura de descrição e estudo, toda ela voltada para a pluralidade e riqueza de formas do mundo (...) Com esse mesmo espírito se imporia a representação da paisagem voltada para a observação da cena rural, da marinha, que representava cenas portuárias ou de porções do litoral ou do mar. E mais ainda: a preocupação em captar um relance parcial ou uma imagem conjunta de uma cidade, suas ruas e lugares públicos. A pintura começava a ganhar o mundo em todas as suas dimensões...*

Aliata & Silvestri (1994, p.39) destacam que Leonardo da Vinci, através de seu tratado sobre pintura, descreve paisagens de forma detalhada e vívida demonstrando uma observação sensível da natureza como paisagem.

A partir do Renascimento, a representação da paisagem vai sofrer uma longa evolução, resultante de duas formas diferenciadas de conceber a natureza, que talvez pudessem ser consideradas antinômicas: uma visão estética subjetiva e outra racional e científica.



Em Alexander von Humboldt, naturalista e viajante alemão, considerado um dos fundadores da Geografia moderna, estava presente a intenção de integrar essas duas formas de olhar a natureza como paisagem demonstrando, como argumentam Aliata & Silvestri (1994, p.121), "...as ambíguas mas estreitas relações entre ciência e técnica, olhar artístico e descrição convencional, impulsos ilustrados e sensibilidade romântica".

Em sua obra *Cosmos*, Humboldt, segundo Capel (1981, p.28), redigiu um volume extraordinariamente interessante dedicado a apresentar as diferentes etapas da configuração da imagem do cosmos:

*Antes de tudo, o reflexo do mundo exterior na imaginação do homem, onde estuda como os homens têm representado a natureza e que efeitos tem tido esta sobre sua imaginação, analisando para isso descrições de paisagens feitas por distintos escritores e a influência da pintura da paisagem no estudo da natureza.*

Demonstrando um especial interesse pelas artes também como forma de difusão do conhecimento, Humboldt valorizará a representação da paisagem no desenho e na pintura. Ele encoraja os artistas a uma representação precisa e cuidadosa da vegetação e vai exercer influência marcante nos pintores paisagistas, especialmente alemães, do século XIX. A representação na arte do que era conhecido por paisagem típica foi uma idéia que recebeu, por parte de Humboldt, como argumenta Souza (1988, p.201), justificação teórica. Essa pintura significava uma forma de representar a paisagem cujos elementos constitutivos eram cuidadosamente selecionados, a fim de traduzir as qualidades fundamentais de um tipo peculiar de ambiente geográfico (Souza, 1988, p.201). Mas não é só a pintura que desperta em Humboldt o fascínio por formas mais precisas de representação da realidade, capazes de sensibilizar as pessoas para o conhecimento.

Desde fins do século XVIII, como destacam os autores a seguir, (Aliata & Silvestri, 1994, p.157), inicia-se a disseminação de representações de paisagens exóticas cuja técnica ultrapassou definitivamente os limites do quadro, e cujo realismo é apoiado pela sofisticação das técnicas de perspectiva.

*Os museus expunham objetos, animais e até pessoas sobre fundos pintados, reproduzindo o habitat natural; o panorama, o neorama e outras técnicas (...) já haviam escapado do registro científico para apontar diretamente para a sedução do espectador (...) Humboldt não duvida em apelar para o efeito mágico das novas técnicas de representação.*

As dimensões estética e científica imprimidas por Humboldt à paisagem e à sua representação derivavam, como mencionado, de sua formação científica e filosófica, conformando uma concepção particular de natureza.

Outra acepção de natureza mais racional, utilitarista, preocupada com o manejo, domínio e defesa do território evoluirá para representações do espaço, através de projeções geométricas cada vez mais precisas, as cartas geográficas, procurando se deixar de lado qualquer sugestão de imagem ótica. A paisagem, portanto, representada através do desenho e da pintura, por mais exata que possa ser, será desvalorizada em função das imagens cartográficas, que permitirão uma visão generalizante e de maior precisão do espaço.

Em consonância com suas posturas científicas e filosóficas, Humboldt e Carl Ritter, também considerado um dos artífices da Geografia moderna, vão elaborar uma crítica às imagens cartográficas. Nesse sentido, Aliata & Silvestri (1994, p.154) salientam:

*Ainda que em muitos aspectos tanto Ritter como Humboldt sejam devedores da renovação topográfica e cartográfica francesa, seu olhar de geógrafos e não de técnicos, lhes permite avançar uma crítica à pura abstração da carta geográfica como instrumento central da geografia. O mundo francês está fortemente orientado para a norma; o mundo alemão viu surgir a primeira revolta romântica (...). Assim, para a "Ciência da Terra" (Erdkunde), a dimensão horizontal e plana provê só um dos aspectos do conhecimento, a "dimensão geográfica" (intimamente relacionada, para Ritter, com o aspecto político), mas a "dimensão física", relacionada com a altura e a profundidade, com a tectônica, com o sensível, não havia alcançado ainda o mesmo desenvolvimento: ambas dimensões deveriam se juntar na nova ciência.*

Na ciência geográfica prevalecerá um olhar científico e racional sobre a natureza, perdendo a representação da paisagem muito da dimensão estética de que a dotava Humboldt. Essa visão mais cientifizada valorizará a utilização dos mapas como um dos instrumentos centrais dos estudos geográficos.

Entretanto os geógrafos clássicos franceses, apesar da significativa utilização da cartografia em seus estudos, empregarão também outros tipos de representação como o desenho, o croquis e a fotografia

As bases teóricas e metodológicas que fundamentavam esses estudos, parecem ter contribuído para tais formas de representação da paisagem concebida como algo concreto, palpável, devendo ser estudada através do método empírico-indutivo. Traços dessa concretude poderiam manter-se em expressões visuais que reproduzissem de forma mais exata a realidade como desenhos do local estudado e a imagem fotográfica utilizados, por exemplo, por Jean Brunhes e Pierre Deffontaine. O primeiro, em seu livro *Geografia Humana*, demonstra o valor que concedia à imagem fotográfica na representação da paisagem. Ao final do livro encontra-se um significativo conjunto de fotografias representando paisagens e seus elementos constitutivos, estudados pelo autor. É interessante destacar que são em muito maior número do que mapas e gráficos.

Brunhes valorizou, em sua matriz teórica, o estudo dos elementos visíveis da paisagem e, dentre eles, os denominados eixos essenciais de ocupação do solo: casas e caminhos. Utilizava imagens fotográficas para representá-los em sua variedade e características. Ele afirmava (1964, p.270):

*Desde que o desenvolvimento da circulação aérea e da fotografia aérea têm multiplicado a nossos olhos as ocasiões e as facilidades de dominar a Terra, se tem colocado em relevo que os caracteres diferenciais e fundamentais das diversas regiões da Terra, desde o ponto de vista da geografia humana, estavam determinados sobretudo pelas infinitas combinações de paisagens associadas às casas, aos caminhos, aos campos e a todas as formas de aglomeração em que resultam, inclusive a grande cidade propriamente dita. As fotografias por avião ilustram esta incontestável proeminência fisionômica e, por assim dizer, humanamente estrutural.*

A ênfase concedida a tais aspectos da paisagem em muito contribuiu para a utilização das imagens fotográficas em seus estudos. Talvez se possa afirmar que o valor atribuído por ele à fotografia ultrapasse o sentido somente "ilustrativo", tendo um caráter explicativo e, portanto, pedagógico.

Já Pierre Deffontaines era, muitas vezes, o próprio autor dos desenhos das paisagens que estudava e nessas representações estava fortemente presente a marca estética.

Apesar da utilização de desenhos e fotografias, tais representações não objetivavam substituir o contato direto com a realidade.

Nas palavras de Vidal de La Blache (1982, p.46):

*O desenho e a fotografia entram a título de comentários na descrição. As figuras esquematizadas têm sua utilidade como instrumento de demonstração. Mas nada vale o desenho como meio de análise para captar de perto a realidade, e como controle dessas observações diretas, que encontram hoje nas excursões geográficas a ocasião freqüente de se exercer.*

Claval (1974, p.83), a propósito do método de estudo na Geografia Regional Francesa, observa:

*A descrição e a explicação regionais não podiam efetuar-se recorrendo a procedimentos de uso geral. Existiam originalidades muito íntimas que os sistemas correntes de aproximação podiam não perceber: a fidelidade mecânica de uma fotografia não é sempre capaz de destacar certos detalhes ou matizes que só o artista logra captar (...) O acerto da observação era o único que permitia refletir sutis diferenciações só percebidas pelo observador esperto, de modo que a geografia regional exige muito mais talento que técnica de geômetra.*

A ênfase na observação direta, como visto, não empobreceu o uso de imagens. Ao contrário, ele foi enriquecido pelo alto nível de aproximação do objeto estudado com que alguns geógrafos as utilizaram, concretizado nos estreitos laços entre texto e imagem, concepção teórica e representação.

Talvez se possa afirmar que, independentemente da matriz teórica, esboços, fotografias e desenhos têm sido ou continuam a ser, no estágio atual do conhecimento geográfico, recursos imagéticos fundamentais.

Transferindo as considerações para o uso das imagens no livro didático, pode-se notar que essa adequação está seriamente comprometida nas expressões figurativas da paisagem. O recurso imagético, importante suporte nos estudos geográficos, parece não estar sendo devidamente empregado no manual didático, apesar de sua significativa presença.

Giacomantonio (1981, p.45), em relação à linguagem imagética, afirma: "Como em qualquer linguagem, a representação do assunto sob diferentes formas adquire importância particular no discurso".

Nesse sentido, as imagens representativas de paisagem incluem tipos diferenciados: a pintura, o desenho e a fotografia, sendo a última predominante.

Apesar da diversidade e da presença de um grande número de imagens, essas parecem ter uma função predominantemente "ilustrativa", de adereço ao texto e, às vezes, não a cumprem de forma satisfatória, como será possível verificar no transcurso deste artigo. O discurso pedagógico relativo à linguagem imagética no manual didático parece não concebê-la como um instrumento cultural e pedagógico de expressiva importância na compreensão da realidade. Assim sendo, a análise da linguagem das imagens estará basicamente direcionada para sua legibilidade, sua capacidade expressiva e comunicativa, ou seja, para sua possível eficácia como instrumento pedagógico na apreensão do conceito de paisagem.

Antecedendo o estudo específico das imagens de paisagem no manual didático, considero essencial focar a linguagem imagética em um contexto mais amplo, salientando sua importância no cotidiano e como um instrumento auxiliar para a compreensão e análise crítica da realidade.

## ***2. Considerações sobre a linguagem das imagens***

A imagem é, sem dúvida, um tema complexo. Não só por sua diversidade mas, também, por assumir formas variadas dependendo do contexto em que se insere.

Apesar da abordagem da imagem, neste estudo, estar dentro de limites muito estreitos, é importante evidenciar que, independentemente de suas implicações na ciência geográfica e no ensino, questões maiores com relação à imagem se impõem e dizem respeito à sua significância e à necessidade de compreendê-la como um dos instrumentos predominantes na comunicação contemporânea.

Nas palavras de Francastel (1993, p.35)

*Mais do que nunca os homens comunicam-se entre si pelo olhar. O conhecimento das imagens, de sua origem, suas leis, é uma das chaves do nosso tempo. Para compreender-nos a nós mesmos e para nos expressarmos é necessário que conheçamos a fundo o mecanismo dos signos aos quais recorremos.*

É essencial, portanto, redimensionar a linguagem imagética, refletindo sobre ela em um contexto mais abrangente, tendo em vista seu poder comunicativo, seu caráter testemunhal, sua capacidade de moldar comportamentos, atitudes e opiniões.

Através das imagens podem-se obter informações sobre os objetos, os lugares, as pessoas em configurações visuais tão diferentes como fotografias, pinturas ou desenhos. A imagem como instrumento do conhecimento é um canal de acesso ao mundo e, dispondo-se de condutas analíticas adequadas, permite interpretá-lo.

No que concerne ao ensino de Geografia, uma reflexão sobre as imagens é, vale reafirmar, necessária e urgente, englobando não só as fixas, como também o cinema, o vídeo e a televisão. Almeida (1994, p.8), destacando a importância dessas últimas, afirma:

*...atualmente, há uma grande maioria de pessoas cuja inteligência foi e está sendo educada por imagens e sons, pela quantidade e qualidade de cinema e televisão a que assistem e não mais pelo texto escrito.*

*Para nós, o texto escrito é sempre o referencial mais importante, onde se tem a possibilidade de voltar, pensar, refletir. Uma inteligência do mundo mediada pela linguagem oral-escrita. Mas não podemos deixar de pensar que nós mesmos, em parte e uma maioria, totalmente, estamos formando nossa inteligibilidade do mundo a partir de imagens e sons das produções do cinema e da televisão.*

Portanto, se o interesse é levar o aluno a efetivamente compreender e posicionar-se criticamente frente à realidade, é fundamental trabalhar os meios que permitem uma nova inteligibilidade do mundo, o que significa uma postura pedagógica sistemática de estudo e de utilização da linguagem das imagens, de maneira criteriosa, em todas as suas dimensões. Como constata Neiva (1993, p.12)

*Um jovem que esteja às portas da universidade terá aprendido as artes do cálculo e da expressão verbal (...) Diante das imagens ele é um consumidor, mas não terá adquirido na escola um saber que explique o que fez dele objeto da ação das imagens. Por imagens ele*

*opta quanto ao que escolherá para compra, as fotos de jornal parecem-lhe expressão testemunhal definitiva da qual ele não duvida.*

As considerações relativas à linguagem imagética, aqui efetuadas, intencionam fazer emergir apenas algumas perspectivas de uma discussão, certamente mais ampla e aprofundada, sobre uma pedagogia da imagem.

No que tange ao papel das imagens no ensino, como instrumento de observação indireta, evidencia-se seu destaque nos manuais de didática de Geografia e, poderia até afirmar, nas aulas de metodologia de ensino dessa disciplina. Coleção de postais, slides, arquivo de gravuras, todos são indicados como recursos pedagógicos. Entretanto esse enfoque direciona-se a uma utilização instrumental, boa parte das vezes mecanicista. Parece estar implícito o domínio desse recurso pedagógico pelo professor, não cabendo, portanto, uma orientação de cunho teórico-metodológico mais aprofundada.

Nesse sentido pode-se apontar, como exemplo, o Programa de Geografia para o Ensino Fundamental da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. Recomenda-se como instrumento, entre outros, de coleta de dados e informações a serem trabalhadas com os alunos a utilização de gravuras, postais, cartazes e fotos. Porém não se fornecem ao professor orientações teóricas e metodológicas claras de como contextualizar e abordar as imagens em sua prática de sala de aula.

Cabe evidenciar que o interesse pelas imagens, como um recurso didático, sempre esteve muito presente em minha prática pedagógica, apesar de reconhecer limitações ao utilizá-las. As imagens denominadas fixas, como gravuras, desenhos e fotografias, podem constituir um recurso didático valioso se bem trabalhadas. Elas apresentam facilidades de manuseio, transporte e acondicionamento e permitem um exame detalhado pelo tempo que for necessário. Constituem representações que não devem ser desprezadas.

Estudos têm sido elaborados no sentido de desenvolver a leitura de imagens em Geografia, mas visando, preferencialmente, o ensino de Cartografia. As imagens selecionadas do livro didático que irão ser discutidas no presente trabalho não incluem as imagens cartográficas, restringindo-se àquelas, já citadas, que acompanham a linguagem escrita na transmissão do conceito de paisagem: pintura, desenho e fotografia.

### ***3. A legibilidade das imagens e o conceito de paisagem***

A análise de algumas imagens representativas da paisagem no livro didático, desenvolvida a seguir, processou-se a partir de critérios cujo maior detalhamento se faz necessário.

O termo legibilidade refere-se às capacidades comunicativa e expressiva da imagem, consideradas em três dimensões: sua articulação com a linguagem escrita, sua aproximação em relação ao referente - a paisagem - e sua adequação pedagógica ao aluno para o qual se destina. Tais dimensões serão discutidas conjuntamente, pois seria extremamente complexo dicotomizá-las. A imagem fotográfica será objeto de maior aprofundamento por seu caráter predominante e por suas características intrínsecas como linguagem.

A partir dessas dimensões, portanto, estruturou-se, essencialmente, a análise das imagens. A primeira, de forte significância para a legibilidade das imagens, vincula-se à sua inserção e relação com o texto. Outro indicativo de indução e explicitação da imagem é a presença da legenda, objetivando facilitar sua compreensão. Contudo, nem sempre as imagens do manual didático estarão acompanhadas pela legenda ou inseridas explicitamente no texto.

A segunda dimensão - aproximação em relação ao referente - vincula-se a uma característica intrínseca da imagem: sua capacidade analógica, ou seja, de representação, de semelhança. Evidentemente essa análise dificilmente seria viável desmembrando-se a imagem do conceito construído pelo autor em seu texto. É oportuno destacar que a transição do verbal para o visual se processa no manual didático, em geral, de forma confusa e contraditória.

A terceira dimensão de análise - adequação pedagógica - baseou-se no conhecimento de mundo, tanto verbal quanto visual, exigido do aluno para compreensão da imagem. Tendo em vista os objetivos do manual didático, as imagens nele presentes deveriam possuir, por princípio, funções referencial e cognitiva bem estruturadas.

No que se refere às imagens selecionadas, apesar da ênfase, como mencionado, na imagem fotográfica, considera-se pertinente efetuar, inicialmente, algumas considerações sobre outros tipos de imagem como a pintura e o desenho, também, no manual didático, expressões figurativas da paisagem.

Cabe desde já evidenciar que o emprego de variados tipos de imagens no livro didático e sua descontextualização denota um certo descomprometimento com os aspectos pedagógicos dessa linguagem.

As imagens selecionadas constam em anexo e foram numeradas para facilitar a referência no texto.

Na ciência geográfica, cabe enfatizar, a imagem exibia fortes vínculos com o contexto no qual se inseria e possuía sólida capacidade expressiva, sobretudo entre os autores clássicos franceses. Havia uma ligação estreita entre linguagem escrita e representação figurativa. Porém o mesmo parece não se concretizar, na maior parte dos manuais didáticos, como, no decorrer da discussão, será possível verificar.

As primeiras imagens que serão discutidas são duas reproduções de paisagem feitas por pintores com estilos bem diferenciados: o norte-americano Edward Hooper e o holandês Vincent Van Gogh. Tais imagens foram retiradas do livro de Helio Carlos Garcia e Tito Marcio Garavello, intitulado *Lições de Geografia*. (V. anexo I)



Torna-se perceptível a valorização dessas imagens já que ocupam um espaço significativo, em detrimento do texto. Cabe esclarecer que não se discutem aqui os valores estéticos e culturais da pintura e a importância do aluno ter acesso à arte. O que está sendo considerado é o uso desse tipo de imagem, da forma e do contexto em que está inserida e seu valor pedagógico, ainda que somente, e esta parece ser a principal função das imagens no livro didático, como “ilustração”.

Em primeiro lugar, texto e imagem se mostram incompatíveis. O autor, no texto, trabalha com uma suposta paisagem que o educando vivencia e a conjuga com imagens totalmente desconectadas da realidade da criança. Portanto, é visível o descomprometimento com o vínculo texto e imagem e a dimensão desta como recurso pedagógico. A legenda, cujas particularidades serão posteriormente discutidas, presente nas imagens em muito pouco contribui para o entendimento das mesmas. Certamente as alunos desconhecem essas paisagens e as informações fornecidas serão insuficientes, não aumentando a capacidade de legibilidade das imagens.

A própria natureza desse tipo de imagem já a coloca em uma categoria especial que deve ser discutida tendo em vista suas singularidades. Neiva (1994, p.59) observa que “existem certamente dois tipos de imagem: aquelas traduzidas por traços artesanais, verdadeiras assinaturas do pintor, e as automáticas e mecânicas, que só foram possíveis a partir da invenção da fotografia”.

E, a respeito da diferença entre uma e outra, o autor (1994, p.59) afirma

*O pintor observa o mundo e tem, ao pintar, uma função especial: criar um grau de realidade que não seja fundado no exame crítico e sim na colheita do olhar (...). Através do olhar, o mundo é transformado numa complexidade artesanal que a representação binária, produtora de uma imagem técnica e mecânica, não seria capaz de dar conta.*

O pintor, portanto, reconstrói a realidade de forma individual e subjetiva. Van Gogh alterava a forma da imagem para melhor expressar seus sentimentos. Edward Hooper é um realista visual, reproduzindo com acuidade a paisagem, mas uma paisagem mediada por sua sensibilidade artística.

É possível estudar a paisagem através de uma obra de arte? Acredito que sim. Nada impede, ao se utilizar uma imagem com objetivos prioritariamente pedagógicos, unir uma primeira leitura subjetiva e emotiva, ligada ao prazer estético, a uma segunda, composta de diretrizes norteadoras para o conhecimento. Contudo, é mister que os educandos compreendam as características desse tipo de imagem e o processo de sua produção. Que a obra de arte “é, efetivamente, sempre o produto da imaginação e da habilidade de um artesão”, como afirma Francastel (1993, p.21).

Portanto a pintura, tal como insere-se no manual didático citado, parece não estar contribuindo para a apreensão do conceito de paisagem e, conseqüentemente, para uma compreensão eficaz da realidade.



Tal fato me leva a pensar que talvez fizesse mais sentido deixar os espaços em branco, preenchendo-os com imagens produzidas pelos próprios alunos. Uma interação muito mais profícua certamente se estabeleceria entre texto e imagem, ou entre aluno e livro didático. Seria possível, também, para o professor, captar, através do desenho do aluno, sua vivência, um pouco de sua visão da realidade, do seu exercício diário de observação da paisagem, além de permitir exercitar a tradução da linguagem imagética para as linguagens oral ou escrita. Sendo produtor de imagens, talvez o aluno pudesse adquirir um olhar diferenciado sobre a pintura, concebendo-a como um exercício de sensibilidade e subjetividade, além de compreender as diferenças entre a mesma e uma imagem como a fotográfica.

O segundo grupo de imagens que irá ser discutido está inserido no livro didático do autor Celso Antunes – *Geografia e Participação*. (V. anexo 2).

Essas imagens compõem tipos diferentes: um desenho e uma reprodução fotográfica. Salienta-se que, em relação ao primeiro, não se trata de um desenho artístico, uma obra de arte, nos moldes do que foi discutido anteriormente, mas de um desenho elaborado com objetivos pedagógicos muito claros, cujo título já o demonstra: “Paisagem Geográfica”.

O desenho representa uma paisagem abstrata, irreal e caricatural. Justapõe, em um mesmo espaço, um sem número de acidentes geográficos, uns ao lado de outros, como se fosse possível essa coexistência. Os componentes da paisagem estão dispersos, desarticulados, compondo uma imagem extremamente confusa e contraditória. Qual o sentido didático de uma imagem como essa? Em que ela, efetivamente, contribui para a compreensão do conceito de Paisagem Geográfica? E mais, para a compreensão da realidade pelo aluno?

Esse desenho remete ao que vem sendo chamado, historicamente, na ciência geográfica de Geografia “nomenclatural”, que utilizava, com frequência, pranchas de acidentes geográficos. Ainda se podem encontrar representações dessa natureza nos manuais didáticos.

Nessa perspectiva, a utilização do termo caricatural, adjetivando a representação em exame (V. anexo 2) pode ser redimensionada. A paisagem representada no desenho não é caricatural apenas enquanto desenho de uma “Paisagem Geográfica”, mas, também, porque o autor se apropriou de uma determinada representação portadora de significado, na ciência geográfica, em uma determinada época e a deformou.

Outro aspecto a ser destacado é a inexistência de legenda no desenho. Essa ausência evidencia a suposição do autor de que a imagem possui uma forte capacidade expressiva, “falando” por si mesma e dispensando informações escritas, o que fornece argumentos para considerá-la ainda mais inexpressiva pedagogicamente.

O autor Celso Antunes, em outra parte do manual didático, tenta transmitir o conceito, estruturando-o a partir de um trecho da Serra do Mar. Acompanha o texto uma reprodução fotográfica (V. anexo 3) de uma parte da serra. Apesar

da má qualidade da imagem, essa reproduz um recorte da realidade. Portanto o desenho, a que se fez referência, expressa um distanciamento extremamente significativo, em termos de concepção e representação do conceito, se comparado à reprodução fotográfica. Demonstra incoerência e descomprometimento com a linguagem imagética, podendo-se afirmar, com a própria transmissão do conhecimento. Nesse sentido, o desenho mais esconde do que desvela o real.

A compreensão do autor do que seja paisagem, portanto, é portadora de uma confusão teórica substantiva concretizada, em especial, no conflito entre a concepção teórica proposta no corpo do texto e sua representação figurativa. O autor certamente não possui um conceito consolidado de paisagem.

Retomando a transição do verbal escrito para o visual é pertinente destacar, como afirma Joly (1996, p.73): "Um projeto de imagem é primeiro verbalizado, antes de ser realizado visualmente. Encontrar o equivalente visual de um projeto verbal não é simples e requer escolhas de todos os tipos".

Assim sendo devem-se relevar as possíveis dificuldades enfrentadas pelos autores na seleção e inserção das imagens no interior do livro didático. Contudo não se podem desconsiderar as inconsistências do conceito, expressas no texto, o que certamente fundamenta, pelo menos em parte, as contradições presentes na representação figurativa da paisagem.

Os autores clássicos parecem ter efetuado a transição do verbal para o visual com relativa facilidade. Isso pode se explicar pelo encaminhamento metodológico atribuído ao estudo da paisagem. Havia, inicialmente, um projeto de estudo que privilegiava a visualidade, a materialidade.

Há uma profunda diferença entre os desenhos de paisagem na ciência geográfica e o enfocado nesta discussão. Nesse sentido, é pertinente retomar as representações figurativas da paisagem na Geografia. Tomando como referência um dos desenhos do geógrafo Pierre Deffontaines, publicado no livro *L'Homme et L'Hiver au Canada*, (V. anexo 4), nota-se que, nesse autor, existia um talento natural e a dimensão estética estava presente. A precisão e acuidade eram traços fundamentais.

Alguns manuais demonstram maior adequação na utilização do desenho. O livro de Elian Alabi Lucci – *Geografia, Homem e Espaço* – (V. anexo 5) apresenta um desenho onde é possível o educando ter uma noção da dinâmica da paisagem, pois expressa imagens sequenciais de sua ocupação e transformação. Giacomantonio (1981, p.54) observa: "A seqüência é a primeira estrutura da linguagem para imagens que se vale de termos particulares para construir uma frase com sentido completo".

Nesse sentido, há uma estrutura narrativa na seqüência das imagens que permite desenvolver a dimensão histórica da paisagem. Contudo, um trabalho profícuo com essas imagens depende da atuação do professor, pois o manual didático não fornece informações para uma leitura eficiente, não constituindo o texto escrito um referencial que permita uma interpretação adequada. No caso específico dessa imagem a legenda é inexistente.

Um terceiro conjunto de imagens representativas de paisagem no manual didático são as fotográficas. A respeito serão tecidas algumas reflexões com maior profundidade, como já observado, não só porque elas predominam, como também por suas características intrínsecas como linguagem.

### 3.1 As imagens fotográficas e a representação da paisagem

As fotografias são as representações mais próximas das condições naturais de visão: configuram imagens bastante precisas do real. Cumpre destacar, nesse sentido, a importância da fotografia como material pedagógico. Sendo um instrumento de conhecimento do mundo, como tal deve ser concebida. Não somente como uma simples “ilustração”, mas com um caráter de documento da realidade a ser analisado e interpretado.

Neiva (1994, p.67) a propósito da capacidade de persuasão das imagens fotográficas, afirma que essas

*têm o apelo da evidência que é, por si mesma, capaz de nos persuadir. Se um relato verbal quiser produzir o efeito da realidade, seria preciso que uma enunciação exaustiva de detalhes fosse perfilada. Através dos detalhes ficam inscritas no discurso as marcas do real.*

Lima (1988, p.15) assinala que na linguagem fotográfica se conformam basicamente dois tipos de usuários. O primeiro é o *emissor* que utiliza a fotografia como forma de expressão e comunicação (o fotógrafo, o jornal, a revista, o museu, a galeria, o livro etc.). No presente trabalho o emissor seria, portanto, o autor do manual didático. O segundo é o *receptor*, ou seja, os leitores que se utilizam da imagem produzida pela fotografia para ler e interpretar o fato, o acontecimento ou a obra que está diante de seus olhos. Nessa interação presumida os alunos ocupariam, certamente, a função de leitores e o professor seria, a rigor, o mediador. O autor ainda enfatiza que o emissor, aqui considerado o autor didático, utiliza-se de uma linguagem fotográfica para se exprimir e o receptor elabora uma leitura e uma interpretação da imagem produzida pela fotografia.

Toma-se importante salientar que a presente análise centrou-se, preferencialmente, na dimensão do emissor: o autor do manual didático. Nas imagens que o mesmo agência para representar a paisagem e no seu potencial pedagógico para expressá-la. Alguns indicativos em relação ao leitor, o educando, serão efetuados. Contudo essa diretriz não será aprofundada pelas limitadas condições de trabalhá-la.

Retomando a legenda e sua importância no grau de legibilidade das imagens, é necessário enfatizar, como postula Lima (1988, p.31):

*A legenda é parte integrante de uma fotografia. Como a fotografia é o produto da relação espaço-tempo, (espaço=localização,*

*tempo=época), essa relação constitui a legenda mínima de uma imagem, que com o crédito (o nome do fotógrafo), compõem os dados essenciais que devem acompanhar uma fotografia.*

Segundo o autor, a legenda fotográfica se apresenta, de uma maneira geral, de três formas:

- 1 - oral - nos álbuns de família, nas fotografias domésticas;
- 2 - escrita - nos jornais, nas revistas, nas exposições e nos livros;
- 3 - implícita - quando tudo pode ser entendido pela própria imagem.

A segunda forma de legenda é a que deve estar presente no manual didático, pois ela fornecerá informações que darão à imagem, no caso fotográfica, maior legibilidade.

Apesar de suas potencialidades, que a qualificam como um recurso pedagógico de bastante valor, a fotografia também apresenta limitações. Após seu aparecimento, como afirma Kossoy (1989, p.78) foi possível um novo método de apreensão do real, porém um real apresentado em fragmentos e descontínuo. Em suas palavras

*A fotografia ou um conjunto de fotografias apenas congelam no plano da imagem, fragmentos desconectados de um instante da vida das pessoas, coisas, natureza, paisagens urbana e rural. Cabe ao intérprete compreender a imagem fotográfica, enquanto informação descontínua...*

É essencial relevar-se esse aspecto no contexto do ensino. A dimensão de descontinuidade da imagem implica uma visão de mundo fragmentada e descontextualizada. Tal fato torna necessárias informações cronológicas que deveriam estar presentes nas legendas das imagens selecionadas. Esse aspecto é contemplado apenas no livro Elian Alabi Lucci - *Geografia: Homem e Espaço*. (V. anexo 6).

A fotografia capta o instante e reflete uma visão parcial, uma fração irreversível da realidade. Por sua própria condição, nos mostra uma paisagem congelada no tempo e no espaço. Informações como dia, ano, momento em que se deu o registro fotográfico são, portanto, indispensáveis como nos afirma Lima (1988, p.31). Pensar essa limitação da imagem para o estudo da paisagem é essencial, sobretudo porque, nas palavras de Santos (1996, p.68):

*A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho e das técnicas (...) suscetível a mudanças irregulares ao longo do tempo, a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas de idades diferentes, pedaços de tempos*

*históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço.*

A dinâmica da paisagem se perde na imagem fotográfica e é nesse sentido que se coloca como fundamental o registro temporal, como um dos meios de minimizar essa deficiência. Do contrário, o aluno tenderá a supor que o momento da imagem é sempre o presente. A temporalidade é de difícil representação em uma imagem.

Assim sendo, o papel do professor como mediador na relação imagem/aluno é fundamental e essa mediação será tratada posteriormente.

O alto grau de credibilidade da imagem fotográfica é outro aspecto que deve ser discutido. Para Kossoy, decorre dessa convicção uma dedução perigosa: tudo o que a fotografia registra é verdadeiro. Nós somos a priori atingidos pela capacidade de fidedignidade que nos transmite a imagem, por sua dimensão testemunhal. É fundamental, nesse sentido, ter-se consciência de que as imagens percorrem um longo caminho até serem observadas pelos alunos nos manuais didáticos. Sofrem, como considera o autor (1989, p.72), manipulações/interpretações de diferentes naturezas.

*Tais manipulações/interpretações, que muitas vezes se confundem em uma só atitude envolvem: o fotógrafo que registra, - e cria - o tema; o cliente ou contratante, que lhe confia a missão de retratar ou documentar; a casa publicadora (se é que a imagem foi veiculada, seja na época de sua produção, seja posteriormente em qualquer outra época), que a utiliza segundo determinada orientação editorial; os diferentes receptores (contemporâneos ou não à sua produção, ou que tomaram contato com ela posteriormente à sua realização) que a vêem - seja em sua forma original, seja impressa - e reagem de formas totalmente diversas...*

Sendo assim, as reproduções fotográficas de paisagem existentes no livro didático, assim como todas as outras, foram objeto de um processo, sofrendo interferências de naturezas diversas e essas interferências, não podem ser desconhecidas do professor e nem, de certa forma, do aluno.

Alguns manuais didáticos tentam trabalhar reproduções fotográficas do mesmo local em épocas distintas (V. anexo 7 e anexo 6), com o intuito de apontar as mudanças na paisagem, o que é uma forma viável de uso da imagem fotográfica. Porém a má qualidade técnica das imagens, a grande distância temporal entre as mesmas, aliadas às limitações das atividades propostas, certamente comprometem a análise, interpretação e compreensão pelo aluno.

No que tange às insuficiências das atividades propostas, a legenda, que deveria ser informativa da imagem, em uma proposta de exercício do anexo 8 já contém a resposta que o aluno deveria fornecer. Descuido do autor ou ele estará subestimando a capacidade cognitiva do educando?

No manual didático de Zoraide Victorello Beltrame – *Geografia Ativa: Investigando o Ambiente do Homem* – encontra-se uma proposta metodológica de estudo da paisagem, analisada, em parte, no segundo capítulo. A referida análise teve por parâmetros os procedimentos sugeridos pela autora. A seguir, as reflexões serão direcionadas para as imagens utilizadas pela autora na aplicação de seu método. As imagens constam do anexo 9.

Cabe destacar que, antecedendo o trabalho com as imagens, a autora preocupa-se em informar os alunos sobre algumas características estruturais das imagens, como planos e ângulos. Explicita as diferenças entre uma fotografia tirada de um avião, ou seja, a visão vertical do espaço, a visão oblíqua, e a fotografia tirada no mesmo nível da paisagem. Ela ainda detalha as diferentes visões do espaço a que se tem acesso, ao observarmos fotografias aéreas verticais, oblíquas e as fotografias convencionais, o que é positivo.

Essas informações são de grande importância para o trabalho com imagens. Santos (1994, p.61) afirma que:

*Nossa visão depende da localização em que se está, se no chão, em um andar baixo ou alto de um edifício, num miradouro estratégico, num avião...A paisagem toma escalas diferentes e assoma diversamente aos nossos olhos, segundo onde estejamos, ampliando-se quanto mais se sobe em altura, porque desse modo desaparecem ou se atenuam os obstáculos à visão, e o horizonte vislumbrado não se rompe.*

A visão da paisagem, em diferentes escalas, seja através da observação direta ou indireta, vai implicar diferentes níveis de apreensão da mesma e esse fato não pode ser ignorado ao estudá-la. Em geral, os autores não consideram estruturas hierárquicas e escalares na transmissão do conceito de paisagem. Trabalham os diversos níveis atribuindo-lhes a mesma importância e significado.

Ao desenvolver um método de investigação da paisagem, a autora Zoraide Victorello Beltrame, apesar de suas pertinentes preocupações com as diferentes visões espaciais, apresenta reproduções fotográficas discutíveis do ponto de vista de sua legibilidade. Essas imagens (V. anexo 9) estruturam uma etapa muito importante, na proposta elaborada pela autora, de transmissão do conceito.

Verifica-se que as imagens representam paisagens muito distantes da vivenciada pelos alunos. A legenda novamente pouco contribui para uma maior explicitação do conteúdo da imagem. Exceção observada em relação à primeira imagem (V. anexo 8), onde a autora, através do texto, fornece algumas orientações. Essas estão vinculadas à primeira etapa do método proposto para o estudo da paisagem, discutido no segundo capítulo, ou seja, Onde? Responder a essa questão, segundo a autora, é localizar a paisagem, é dizer onde fica o lugar que o educando está vendo, seja pessoalmente ou através da foto. Em seu livro didático, Beltrame (1994, p.15) expõe:



*Como exemplo, vamos localizar a paisagem da foto 6. A legenda nos traz alguma indicação. O lugar chama-se Ceillac, uma pequena vila localizada nos Alpes franceses. Como você vê, é pouca a informação que temos sobre a foto. Um bom caminho para completá-la seria a consulta a mapas, livros, enciclopédias etc., ou pedir o auxílio de outras pessoas, como seu professor. Assim você poderia descobrir que os Alpes, região onde fica o lugarejo de Ceillac, são uma importante cordilheira da Europa, que tem cerca de 1800 km de comprimento e atravessa alguns países, como França, Itália e Suíça, por exemplo.*

A autora preocupa-se em fornecer informações que possam aumentar a legibilidade da imagem. Contudo essas informações e todo o conhecimento geográfico que elas exigem estariam, efetivamente, contribuindo para prover a representação de maior grau de legibilidade?

Essa mesma autora indica ao aluno uma série de procedimentos como: consultar mapas, enciclopédias, livros, o professor, outras pessoas. Esses recursos seriam viáveis? Responder a essa pergunta implicaria considerar duas questões essenciais: a primeira seria se a imagem não estaria perdendo seu real objetivo. Foi afirmado que a mesma não poderá dispensar a linguagem escrita. Parece, entretanto, que nem as palavras são capazes de fornecer os dados necessários para sua leitura, já que o aluno deverá recorrer a muitos outros recursos. Nesse sentido, a própria autora parece estar consciente das dificuldades do educando em identificar a paisagem retratada e, portanto, da própria inadequação da imagem.

A segunda remete a uma questão essencial: qual é o destinatário dessa imagem? Tal como foi assinalado para a linguagem escrita, para a leitura da foto exige-se também o domínio de um conhecimento amplo como: Alpes franceses, cordilheira e Europa, por exemplo, extremamente distantes para um aluno de quinta série. Espera-se que o aluno tenha um conhecimento não limitado à linguagem escrita, mas também, talvez se possa afirmar, das imagens, sendo-lhe permitido identificar tanto os elementos da paisagem como a mesma em sua totalidade.

Nessa dimensão, os movimentos que o aluno deverá efetuar, todos voltados apenas para a localização dessa paisagem, não seriam exagerados? Não o distanciariam demasiadamente da imagem, que perderia sua própria função como instrumento pedagógico e, sobretudo, como linguagem? Segundo Lima (1988, p. 19), uma das condições para a leitura de uma imagem fotográfica é o conhecimento dos elementos que compõem a imagem. E o autor (1988, p.19) afirma: "Uma fotografia representando objetos ou fenômenos desconhecidos é quase tão muda quanto um texto escrito em uma língua que a gente nunca viu".

Importa ressaltar que não se defende uma postura pedagógica em relação à imagem restrita àquelas próximas, ou da própria realidade do aluno. Mas acredito que é a partir, preferencialmente, da reflexão sobre o conhecido e o vivenciado que o educando será capaz de analisar e compreender outras

realidades. Essa compreensão e análise necessita também de um conhecimento geográfico, adquirido através da linguagem oral, escrita ou das imagens.

Com base nas observações feitas, considero essas imagens inadequadas para o estudo da paisagem, principalmente em relação à etapa escolar dos alunos a que se destinam e a seu desenvolvimento cognitivo.

É conveniente salientar que a autora inicia a transmissão do conceito partindo da vivência do aluno. Propõe atividades em que ele deverá investigar a paisagem que existe no entorno, já iniciando os procedimentos sistematizados em seu método de estudo. Assim, torna-se difícil compreender o brusco corte no método pedagógico: tenta partir do real, da experiência do aluno, mas, posteriormente, procura sistematizar a leitura de paisagem através de imagens tão desconectadas de sua realidade.

Como se pode perceber, os autores didáticos, na maior parte das vezes, tentam repetir os mesmos padrões de representação e não apresentam uma seleção criteriosa das imagens de paisagem, o que determina uma desvalorização da linguagem imagética, extremamente importante na construção empírica do conceito, vale reafirmar, por sua forte dimensão visiva. Um vértice da essencialidade do visível estrutura-se, sem dúvida, em sua significância pedagógica.

Um possível redirecionamento, na adequação das imagens no livro didático, em relação ao conceito de paisagem demandaria mudar a própria concepção iconográfica no livro didático. Repensar a imagem não como simples acessório ao texto, mas como linguagem, essencial na compreensão do mundo, cuja leitura pressupõe um aprendizado como o da linguagem escrita, exigindo, também, um conhecimento prévio.

Em termos pedagógicos, utilizar a linguagem imagética de forma eficiente não é responsabilidade apenas dos manuais didáticos. Os professores, principais mediadores entre esses manuais e seu destinatário, o educando, devem, também, redimensionar o valor dessa linguagem no exercício de sua prática, concebendo-a como instrumento de comunicação e expressão, essencial na formação do aluno.

#### ***4. O professor de geografia, a linguagem das imagens e o conceito de paisagem***

Ao ministrar cursos de atualização para professores das redes estadual e municipal de Juiz de Fora, sempre me deparei com a dificuldade que demonstravam ao manusear não só mapas, como também gravuras e fotografias. Alguns chegavam a admitir suas limitações ao trabalhar com as mesmas, manifestando o desejo de aprender a utilizá-las com os alunos de forma mais adequada e produtiva. Isso talvez se justifique pela percepção, através da prática como professores, do interesse natural que as crianças demonstram por imagens e de que esse fato não deve ser negligenciado na relação ensino-aprendizagem.



Professores entrevistados para o presente trabalho, quando interrogados a respeito das imagens do livro didático, demonstraram utilizá-las de forma pouco sistematizada, chegando até mesmo a negligenciá-las, como podemos observar a seguir:

*Olha, eu não uso muito as gravuras do livro didático não. Tem umas que vêm assim muito ruins, sabe, assim não dá para você perceber bem os desenhos. (Ela incluiu os mapas em sua fala) Igual, por exemplo, questão de mapa. Eles trabalham os mapas (os alunos), como é um mapa, um mapa completo, o que ele deve ter. Ah, quando você pede ao aluno para ver, no livro está faltando ou escala, ou título, ou legenda, ou o mapa está muito mal impresso. (...) Na maioria das vezes eu não procuro chamar a atenção para as gravuras do livro. (Professor V.)*

*Devido à própria falta de tempo mesmo, a gente trabalha com a gravura do livro, mas como eu não estou seguindo o livro, aí geralmente eu separo umas gravuras. Vamos supor assim, de agricultura. Antes de passar o vídeo de agricultura, eu mostro alguns tipos de plantio, mostro algumas gravuras. Mas geralmente eu trabalho muito pouco a questão da figura. (Professor M.)*

*Primeiro passo, eu peço a eles para fazerem uma leitura silenciosa. Depois da leitura silenciosa eu pergunto o que eles entenderam. Depois através da leitura, do que eles entenderam, eu passo para a gravura (...) Então eu acho que a gravura, ao meu ver, ela traz muita coisa. Ela retrata o assunto a ser trabalhado. É uma maneira de visualizar aquele assunto. Eu vou conceituando a gravura de acordo com o assunto, eu vou adequando. Então a gravura fica para ilustrar o assunto a ser trabalhado. Eu vejo dessa maneira. (Professor C.)*

31

Uma maior valorização da imagem irá ocorrer no terceiro depoimento e a professora parece atribuir-lhe um papel de maior destaque.

Cumpramos esclarecer que, nas entrevistas, não houve condições objetivas de separar o uso da imagem em geral no livro didático e o uso específico de imagens representativas da paisagem. Portanto os depoimentos traduzem uma concepção generalizante da utilização da imagem.

A linguagem das imagens, pelo exposto, é trabalhada de forma incipiente pelos professores entrevistados. Apesar de valorizada por alguns, sua utilização demonstra fraca sistematização e aprofundamento teórico praticamente inexistente. Essa postura talvez se justifique pela ausência de uma reflexão mais verticalizada em relação ao potencial pedagógico e cultural da linguagem imagética no contexto geográfico.

Um dos importantes vetores dessa reflexão seria o conhecimento de algumas características do processo de leitura das imagens. Tal conhecimento permitiria ao professor dimensionar seu papel, essencial, como mediador na relação aluno/linguagem imagética.

Para o autor didático esse conhecimento talvez pudesse contribuir, em parte, para uma escolha mais criteriosa das imagens presentes nos manuais.

Assim, é conveniente discutir algumas características do processo de leitura de uma imagem. Segundo Giacomantonio (1981, p.43-4), ao ler uma imagem, podem ser observados três níveis de atenção: instintivo, descritivo e simbólico.

O nível instintivo, de acordo com o autor, é o imediatamente perceptível no instante em que a imagem aparece. Os elementos de que esse nível depende estão ainda muito vinculados ao mecanismo da percepção, são elementos emotivos por excelência: cores, formas, expressões e evocações imediatas. Nessa fase, o olho lê rapidamente a imagem e transmite as primeiras impressões ao cérebro, condicionando, em alguma medida, as fases seguintes da leitura. Também nessa etapa, a tonalidade e a cor da imagem adquirem valor predominante. Isso porque, segundo Giacomantonio, a evocação dos sentimentos está, em nós, freqüentemente vinculada a cores que definimos como “quentes” ou “frias”.

O autor destaca que, no nível descritivo, após o esgotamento das informações sumárias no nível anterior, a vista passa a analisar os elementos componentes da imagem. Esse nível é seguido, na leitura, por linhas perspectivas, por planos, campos, por massas de luzes e sombras. Segundo o autor, através dessa leitura, nosso cérebro recebe um número maior de informações: descrição dos objetos, ambientes, a individualização do assunto. A esse aplicam-se os mecanismos aperceptivos já estruturados em nós. O autor ainda destaca que esse nível é o que determina o “tempo de leitura” da imagem, isto é, o tempo em que a vista é capaz de receber e comunicar todos aqueles dados que se queria fossem destacados.

No contexto de uma conduta analítica sistematizada e reflexiva da imagem, a descrição se configura uma etapa de extrema importância. Segundo Joly (1996, p.72) “...a descrição é capital, pois constitui a transcodificação das percepções visuais para a linguagem verbal”. A autora ainda aponta a importância de efetuar-la em grupo pois, dessa forma, será possível verificar a diversidade das formulações resultantes. Uma descrição conjunta indicaria, também, até que ponto a visão de cada um é, simultaneamente, coletiva e pessoal.

No nível simbólico, de acordo com o autor, o observador extrai certo simbolismo pela leitura dos elementos contidos na imagem. Essa fase vincula-se aos mecanismos do conhecimento e, portanto, está no nível racional. O autor destaca que nessa fase, se reúnem os maiores conteúdos comunicativos da imagem e pode ser a principal fase de decodificação da mensagem.

Como foi possível verificar, os níveis de atenção de leitura de uma imagem vinculam-se a diversos fatores como: aspectos físicos da imagem (cores, padrão espacial, enquadramento, nitidez) e o conhecimento do leitor.

Apesar dos aspectos físicos das imagens não terem sido uma dimensão privilegiada na presente análise, cabe comentar, ainda que de maneira sucinta, sua importância. Os atributos técnicos da fotografia, como moldura (limite da representação visual), enquadramento (tamanho da imagem), cor, se forem visualmente atraentes, oportunizam um maior interesse por parte do aluno o que, certamente, ampliará sua legibilidade. As imagens fixas que nos cercam no cotidiano, como as publicitárias, por exemplo, tornam-se cada vez mais sofisticadas, apresentando imperativos de leitura bastante elaborados, ampliando sua capacidade de atrair e seduzir. Dificilmente as imagens do livro didático, tal como se apresentam, poderão exercer o mesmo fascínio, seduzindo para o conhecimento.

No que tange à dimensão cognitiva da leitura de imagens, julgo conveniente elaborar reflexões mais aprofundadas, tendo em vista sua importância e complexidade.

Giacomantonio (1981, p. 39) afirma que:

*A impossibilidade de separar totalmente a percepção da mensagem e sua decodificação do conjunto de fatos vividos, que no decorrer dos anos construíram a personalidade do indivíduo, faz com que em presença de uma mesma mensagem os comportamentos perceptivos sejam diferentes, assim como os pormenores da mensagem captados pelos diversos espectadores. O indivíduo permanece, às vezes, insensível a certos elementos que para outros são importantes, e capta e cataloga como importantes aqueles que sua sensibilidade soube abstrair do conjunto.*

Ainda conforme o autor, são múltiplos e complexos os mecanismos que permitem a originalidade individual na leitura da imagem. Isso porque existe uma linguagem- padrão, a das imagens. Para ele, essa linguagem é possível de ser compreendida por todos, ao menos no que se refere às suas características fundamentais. O autor destaca que os elementos responsáveis pela introdução de um desvio em relação à interpretação padrão são idade, sexo, grau de cultura, nível social e a capacidade adquirida com o hábito de decodificar imagens.

Nesse sentido, utilizando imagens em sala de aula com crianças de quinta série do Ensino Fundamental, tive oportunidade de constatar a capacidade de inferência que elas são capazes de realizar. No processo de decodificação, as crianças introduziam elementos e detalhes inexistentes na imagem. É como se efetuassem a construção de uma outra, baseada em analogias com sua experiência de vida e seu conhecimento.

Portanto, a subjetividade está profundamente presente na leitura de imagens com sua linguagem simbólica. À semelhança do código escrito, conhecimentos prévios também serão ativados pelo educando na tentativa de compreensão das imagens.

Assim sendo, Leite (1993, p.137) argumenta que:

*A leitura da imagem é feita a partir de experiências acumuladas anteriores que se desdobram na memória, diante da imagem presente. O enquadramento delimita o espaço e estabelece uma ruptura, simbólica ou real, entre o espaço visível e o espaço invisível (do que está fora do campo)...*

Portanto, essa leitura desencadeia um processo no qual a vivência e o conhecimento de mundo do educando emergem na tentativa de compreensão de seu conteúdo.

Nessa perspectiva, acredito encontrar nos pressupostos teóricos de Paulo Freire uma valiosa contribuição para pensar algumas dimensões da decodificação da linguagem das imagens.

Consciente dos riscos de uma impropriedade teórica ao ousar transpor o pensamento desse educador, cujas reflexões foram construídas fundamentalmente sobre a aquisição da linguagem escrita, para a linguagem das imagens, estou convencido de que uma tentativa nessa direção possa ser frutífera.

Freire (1997a, p.11) afirma:

*A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.*

Essas postulações, no meu entender, colocam-se como muito importantes para pensarmos a prática de sala de aula e as diversas linguagens utilizadas no exercício da mesma.

A leitura do mundo, construída pelo educando em seu meio sócio-cultural, talvez deva fundamentar não só a leitura da palavra escrita, como também a leitura das imagens. Pensar essa dinâmica entre linguagem e realidade pode ser um caminho proveitoso também no trabalho com a linguagem imagética.

Nesse sentido, da mesma forma que a leitura da palavra escrita não deve significar uma ruptura com a leitura do mundo, a leitura das imagens, pelo menos em um primeiro momento, não deverá ser também um rompimento com a leitura do mundo. Para qualquer modalidade de linguagem utilizada na prática pedagógica, essa leitura primeira, que se expressa no conhecimento da realidade, é, a meu ver, essencial.

Paulo Freire recorre, em uma das etapas de sua proposta de alfabetização, denominada tematização, às imagens como uma das formas de codificação e posterior decodificação da realidade. Tais imagens eram reproduções de

situações reais vivenciadas pelos alfabetizados. Sobre as mesmas, ele (1997b, p.108) observa:

*Na medida em que as codificações (pintadas ou fotografadas e, em certos casos, preferencialmente fotografadas) são o objeto que, mediatizando os sujeitos decodificadores, se dá à sua análise crítica, sua preparação deve obedecer a certos princípios que são apenas os que norteiam a confecção de puras ajudas visuais(...) Uma primeira condição a ser cumprida é que, necessariamente, devem representar situações conhecidas pelos indivíduos cuja temática se busca, o que as faz reconhecíveis por eles, possibilitando, desta forma que nelas se reconheçam.*

Evidentemente, a dimensão que está sendo dada às imagens no presente trabalho extrapola a utilização que delas fez Freire. Entretanto, ele nos indica caminhos profícuos para o trabalho pedagógico com imagens.

Um desses caminhos seria a condição de representar situações conhecidas dos alunos. Isso significaria a possibilidade de discussão e reflexão sobre sua própria realidade. A esse respeito, Freire afirma (1997b, p.110):

*Como a decodificação é, no fundo, um ato cognoscente, realizado pelos sujeitos decodificadores, e como este ato recai sobre a representação de uma situação concreta, abarca igualmente o ato anterior com o qual os mesmos indivíduos haviam apreendido a mesma realidade, agora representada na codificação.*

Complementando, o autor (1997b, p.110) assinala "Promovendo a percepção da percepção anterior e o conhecimento do conhecimento anterior, a decodificação, desta forma, promove o surgimento de nova percepção e o desenvolvimento de novo conhecimento".

Contudo, torna-se evidente que o profundo sentido atribuído por Freire à codificação da realidade, através da imagem, determinada pela pesquisa detalhada do meio sociocultural do alfabetizando, dificilmente poderia se concretizar no manual didático. Demandaria um estudo minucioso que não seria viável, tendo em vista a diversidade social e cultural e as diversas paisagens nas quais vivem e convivem os muitos alunos que estudam nesses manuais. Mas um compromisso maior com as representações das paisagens, certamente, seria possível. Assim sendo, não deveria se configurar uma dicotomia tão forte, como se constata em alguns manuais didáticos, entre a paisagem real e a paisagem representada. Tal dicotomia pode significar um corte na dinâmica entre linguagem e realidade, abstraindo da imagem sua possibilidade de ser um objeto cognoscível.

Freire (1997b, p.110), em relação à decodificação, afirmava

*No processo de decodificação, cabe ao investigador, auxiliar desta, não apenas ouvir os indivíduos, mas desafiá-los cada vez mais, problematizando, de um lado, a situação existencial codificada e, de outro, as próprias respostas que vão dando aqueles no decorrer do diálogo.*

O procedimento do investigador observado acima por Freire, talvez possa permear também o trabalho do professor. Sabe-se, como já evidenciado, do caráter particularmente individual da leitura e interpretação das imagens. Nesse sentido, a intervenção mediadora é essencial, problematizando a situação codificada e dotando a criança das informações necessárias.

Assim sendo, no trabalho com a linguagem das imagens, e antecedendo sua leitura, talvez os professores devessem transmitir ao educando algumas informações pertinentes. Uma delas e, certamente, a mais importante é que a imagem não é a realidade, ela simula a realidade. Em uma primeira dimensão, é só aparência. Refere-se portanto à necessidade de levar a criança a ler o que está implícito, o chamado subtexto da imagem. A esse propósito Neiva (1994, p.73) afirma: "A simulação caracteriza a experiência visual contemporânea. A fotografia simula o real; não se trata de um registro fidedigno".

O uso de imagens como recurso didático significa que haverá a substituição da experiência concreta pela representação da realidade. A criança será observadora e intérprete distante de um fragmento da realidade, com todas as limitações que poderão advir desse fato. Portanto, a função mediadora do professor e a seleção acertada de representações figurativas, por parte dos autores didáticos, colocam-se como essenciais. São os professores que aprofundarão o olhar do aluno, ajudando-o a decodificar e a interpretar a imagem. Tomar a paisagem e sua representação como uma das formas de apreensão do real demanda, sem dúvida, uma educação do olhar.

Outra importante dimensão das imagens é sua polissemia, permitindo várias interpretações. Mais uma vez cabe chamar atenção para o papel do professor. Não só para mediar a relação aluno/livro didático como também para orientá-lo a efetivamente ler a imagem, não a considerando somente como aparência, levá-lo a uma interpretação mais rica, ultrapassando seu conhecimento de mundo e permitindo-lhe o acesso a uma nova dimensão do real.

## **Referências Bibliográficas**

- ALIATA, Fernando; SILVESTRI, Graciela. *El paisaje en el arte y las ciencias humanas*. Buenos Aires: Centro Editor da América Latina, 1994.
- ALMEIDA, Milton José de. *Imagens e sons*. São Paulo: Cortez, 1994.
- ANTUNES, Celso. *Geografia e participação: introdução aos estudos geográficos*. São Paulo: 1996. v. I

- BELTRAME, Zoraide Victorello. *Geografia ativa: investigando o ambiente do homem*. São Paulo: Ática, 1994. v.1
- BRUNHES, Jean. *Geografia humana*. Barcelona: Juventud, 1964.
- CAPEL, Horacio. *Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea*. Barcelona: Barcanova, 1981.
- CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- DEFFONTAINES, Pierre. *L'Homme et L'Hiver au Canada*. Paris: Gallimard, 1957.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997a.
- \_\_\_\_\_. *A Importância do Ato de Ler*. 33ed. São Paulo:Cortez, 1997b.
- GEORGE, Pierre. *O Homem na Terra*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- GIACOMANTONIO, Marcello. *O ensino através dos audiovisuais*. São Paulo: EDUSP, 1981.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 1996.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989.
- LA BLACHE, Paul Vidal de. As características próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.) *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982.
- LEITE, Míriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- LIMA, Ivan. *A fotografia é a sua linguagem*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.
- LUCCI, Elian Alabi. *Geografia: homem e espaço*. São Paulo: Saraiva, 1995. v.1
- MINAS GERAIS, Secretaria de Estado da Educação. *Programa para o Ensino Fundamental: Geografia* (quinta à oitava série). Belo Horizonte: SEE-MG, 1995. v.4.
- NEIVA, Júnior, Eduardo. *A imagem*. São Paulo: Ática, 1994.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço - técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SEVCENKO, Nicolau. *O Renascimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1985.
- SOUZA, Valéria Salgueiro. *Gosto, sensibilidade e objetividade na representação da paisagem urbana nos álbuns ilustrados pelos viajantes europeus: Buenos Aires, Rio de Janeiro e México (1820-1852)*. São Paulo, 1988. Tese (Doutorado em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

Anexo 1



Aprender Geografia

O que é Geografia

**E**studar, aprender ou conhecer Geografia é algo que você com certeza já fez quando, ainda criança, começou a perceber a paisagem que o rodeava.



O pintor norte-americano Edward Hopper retratou em muitos de seus quadros a solidão das ruas e as mudanças da paisagem do Nordeste dos Estados Unidos.

Observar as nuvens, as estrelas, as montanhas, os rios, o mar, reconhecer a rua em que mora, diferenciar algumas árvores de outras, perceber que o trânsito torna-se mais complicado em certas horas do dia, sentir que a poluição aumentou, relacionar as variações do tempo com as estações do ano, etc. Tudo isso é, sem dúvida, aprender Geografia.

A diferença entre o que você fez até agora e o que fará durante este ano escolar é que você começará a estudar a paisagem de forma mais organizada, estabelecendo relações entre os fenômenos, buscando as causas que os produziram e, principalmente, analisando as suas consequências.

Antes, a intenção era apenas reconhecer a paisagem. Agora, o objetivo é entender a mesma paisagem através de uma postura científica, utilizando as ferramentas que a Geografia nos dá: os conceitos corretos, as definições precisas e determinadas formas de análise.

Esse processo de conhecimento que você está iniciando vai se prolongar por toda a sua vida escolar e continuará mais além, pois, como cidadão, você deverá conhecer a realidade para poder participar ativamente do desenvolvimento de toda a sociedade.



A paisagem agrícola da Provença (sul da França) retratada pelo pintor holandês Van Gogh.





## Anexo 3

### A GEOGRAFIA E AS CIÊNCIAS AFINS

É difícil dizer qual o dedo mais importante da mão quando precisamos segurar alguma coisa. Todos atuam conjuntamente, e basta que um deles esteja machucado para que percebamos o quanto ele é útil. Em relação às ciências, ocorre mais ou menos a mesma coisa: uma ajuda a outra. Para a geografia física, são importantes alguns dados da **geologia**, da **meteorologia**, da **física** e da **biologia**, com a contribuição da **ecologia**. O especialista em geografia humana não pode dispensar conhecimentos de **história**, **sociologia**, **economia** e **estatística**.

Assim, saber geografia significa olhar o mundo de maneira ampla, tentando compreendê-lo e acreditando que ele ainda se tornará o domicílio ideal de toda a humanidade.

Estudar geografia é muito importante para que possamos manter acesa a incantação que a natureza nos desperta. Além disso, como nos faz

compreender as mudanças que alteram os países, a geografia nos faz sentir, realmente, cidadãos do mundo. Conhecer essa ciência é, portanto, desvendando os mistérios e os segredos dessa casa incrível em que vivemos: o planeta Terra.



Uma das preocupações da geografia na atualidade é evitar que desastres ecológicos afetem o espaço. Na foto, derramamento de petróleo no litoral brasileiro.



Outra definição muito utilizada nos diz que a geografia é a ciência da paisagem. Mas o que é uma paisagem?

Para a geografia, é uma parte do espaço terrestre que possui características físicas ou humanas mais ou menos semelhantes.

E como a geografia estuda essa parte do espaço?

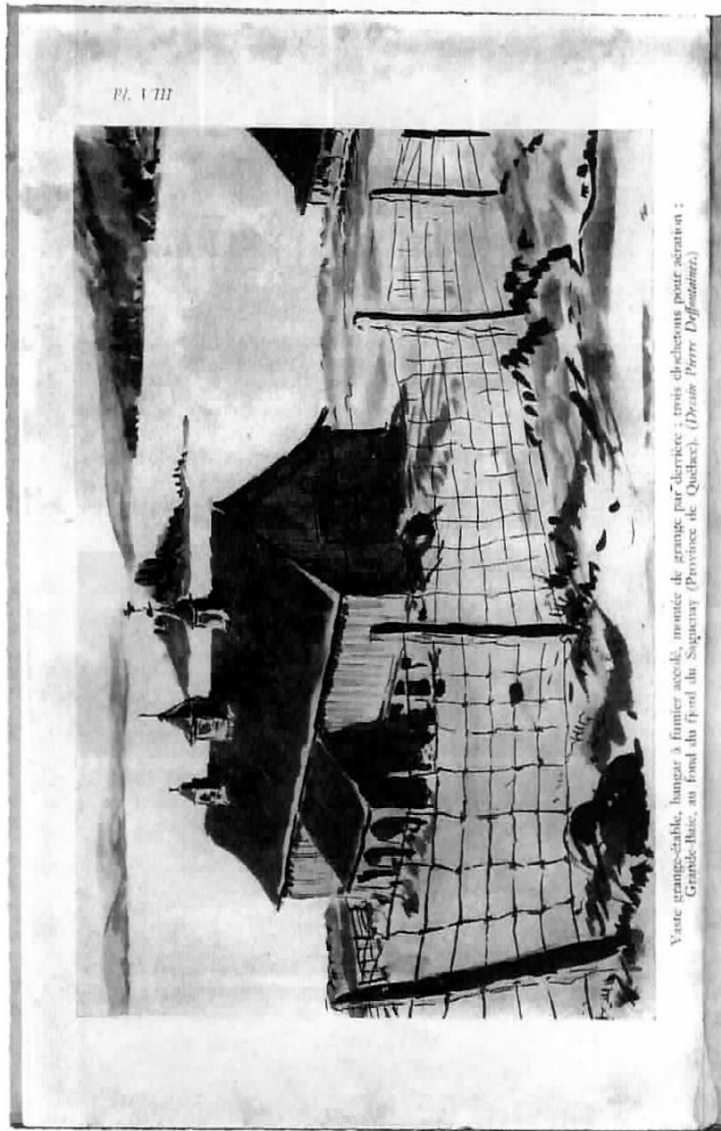
Preste atenção: se, passando por uma estrada, avistamos a serra do Mar, estamos observando uma paisagem. As elevações, o solo, a quantidade de luz, o vento e a geada, assim como a vegetação, são estudados pela geografia física. É possível, entretanto, que também as marcas do trabalho humano estejam presentes nessa paisagem: as estradas, os postes de iluminação, as plantações ou algumas casas. Esses elementos da paisagem são estudados pela geografia humana.

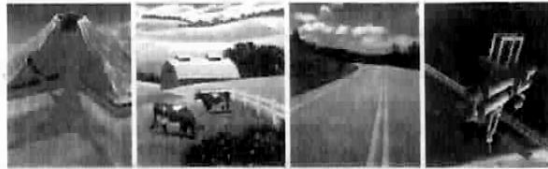
Contudo, não se pode esquecer, ao estudar essa paisagem geográfica, que os elementos físicos e humanos constituem um todo e estão sempre relacionados entre si.



A serra do Mar, em São Paulo.

O espaço terrestre é dividido em continentes: vastas porções de terra acima do nível das águas dos oceanos. Esse espaço encontra-se ocupado pelo homem, que o dividiu em países. Existem na Terra seis continentes (América, Ásia, África, Europa, Oceania e Antártica), que abrigam cerca de 180 países, número que está sempre mudando. Isso ocorre porque, algumas vezes, dois ou mais países se fundem em um só ou, mais frequentemente, um país é desmembrado. Na Europa, temos exemplos dos dois casos: as duas Alemanhas foram reunificadas em 1990, após mais de quatro décadas de separação, e a União Soviética (em parte localizada na Ásia), a Iugoslávia e a Tcheco-Eslováquia desmembraram-se, dando origem a 22 novos países.





C A P Í T U L O 1

## O HOMEM E O ESPAÇO

*D*urante uma viagem, ao avistarem uma cachoeira, um vale, uma montanha, uma praia, as pessoas costumam dizer: — Que bela paisagem!

Nesses casos, consideram-se paisagens apenas os espaços que contém elementos naturais.

No entanto, todos os espaços, habitados ou não pelo homem, são paisagens.

As paisagens, contendo apenas elementos naturais, aos poucos foram sendo alteradas pela ação do homem.



**Anexo 6**

2. Observe as fotos e responda:



Foto do bairro do Sumaré,  
São Paulo, 1954



Foto do mesmo bairro,  
1995

Quais as alterações realizadas pelo homem na paisagem cultural?

3. Com seus colegas, pesquise fotos antigas da cidade em que vocês moram. Compare-as com fotos recentes e anote as alterações que foram feitas.

Teoria e prática da Geografia

Os princípios da Geografia

O estudo da Geografia deve levar em conta alguns princípios comuns a qualquer análise geográfica. Os mais importantes são:

- **extensão:** todo fenômeno geográfico tem sua ocorrência numa determinada porção do território, que deve ser delimitada;
- **localização:** todo fenômeno geográfico pode ser localizado, delimitado e, assim, deve ser cartografado;
- **analogia:** todo fenômeno geográfico deve ser comparado a outros do mesmo tipo, para facilitar a sua compreensão;
- **causalidade:** todo fenômeno geográfico tem uma ou mais causas, que devem ser buscadas e explicadas;
- **atividade:** todo fenômeno geográfico é dinâmico, portanto, seu estudo deve compreender a delimitação também no tempo.



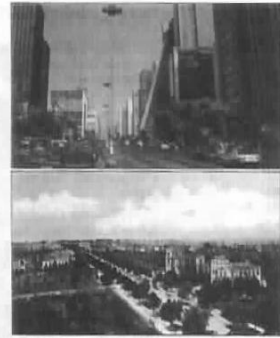
Segundo Yves Lacoste: Um dos maiores crimes da Geografia: "A Geografia aérea, antes de mais nada, para tirar a guerra". Na foto, a Guerra do Golfo (1990).

A Geografia e o poder

O conhecimento da Geografia sempre foi utilizado para atender a determinados interesses econômicos e políticos, principalmente de grupos dominantes — empresas e governos de países ricos ou grupos que compõem a elite de países pobres.

A Geografia pode tanto ser usada como meio de dominação de um país sobre outro, como pode servir à libertação de um povo.

Conhecer a Geografia de um país permite que se tenha idéia da sua capacidade econômica quanto aos recursos naturais, como potência hidráulica, ocorrência de combustíveis fósseis, presença de minérios, so-



A dinâmica da paisagem existiria mesmo sem a ação do homem, que acelera as transformações. Nas fotos, a Avenida Paulista (São Paulo) em dois momentos diferentes: hoje e no início do século.

los férteis; e também de suas características demográficas, como a natalidade, a mortalidade, a participação porcentual de jovens e idosos no conjunto da população.

Estudando-se a Geografia de um país, é possível, em caso de guerra, detectar seus pontos fracos: De onde seria mais fácil iniciar uma invasão? De que forma se poderia impedir a chegada de alimentos para sua população?

Aliás, em situação de guerra, a Geografia adquire uma importância muito grande. Conhecer a Geografia do inimigo significa escolher a melhor arma para o confronto, o melhor lugar para o ataque e o melhor momento para a invasão.

A História está repleta de vitórias bélicas favorecidas pela Geografia. Em 1959, por exemplo, o papel da Sierra Maestra foi fundamental para o sucesso da Revolução Cubana. Por outro lado, há também derrotas militares fragorosas, em que o grande inimigo foi a Geografia do lugar. Napoleão e Hitler, separados por mais de um século, enfrentaram um mesmo grande inimigo: o *General Winter* ('General Inverno', em inglês), o rigoroso inverno que ajudou a derrotar franceses e alemães em suas tentativas de invadir a Rússia.

Mesmo na área rural a paisagem é totalmente cultural. Os campos de cultivo e pastagem foram criados pelo homem. Fazem parte de uma natureza modificada.

As fazendas modernas funcionam como indústrias. Utilizam tratores e colhedoras em suas plantações, e realizam a reprodução dos animais artificialmente, para que se obtenha uma maior produtividade do rebanho.

Todas essas alterações realizadas pelo homem no espaço natural constituem o espaço geográfico, que é o principal objeto de estudo da Geografia.



Laranjeira

## LEMBRE-SE

- A paisagem natural é composta apenas por elementos naturais.
- O homem adaptou-se às diferentes condições climáticas da Terra.
- O homem transforma os recursos da natureza para atender às suas necessidades.
- A paisagem cultural é o resultado das transformações que o homem realiza na natureza.
- Tanto na cidade como na área rural, a paisagem é totalmente cultural.
- O espaço geográfico é o principal objeto de estudo da Geografia.

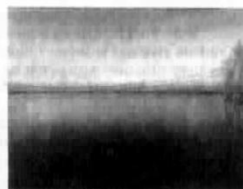


## APLIQUE SEUS CONHECIMENTOS

1. Observe as fotos e responda:



Vista de Sete Quedas antes da construção da usina hidrelétrica de Itaipu, no Paraná



Vista do mesmo local, atualmente um lago, após a construção da usina

Quais as alterações feitas pelo homem na paisagem natural?

## Anexo 9

18 • UNIDADE 1 • Investigando o meio ambiente

Veja agora um roteiro que poderá ajudá-lo a explicar os elementos de uma paisagem. Como exemplo, vamos examinar a foto abaixo.

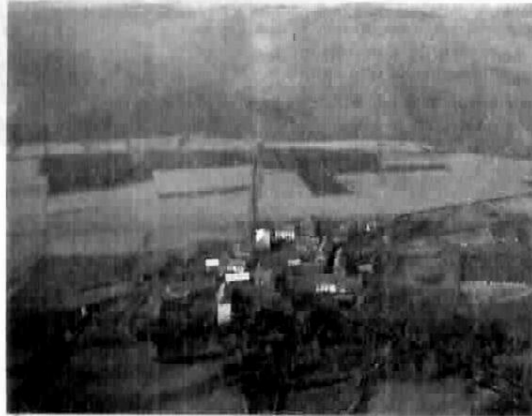
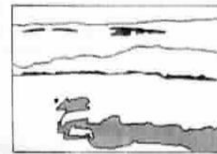


Foto 9. Vila de Leyvaux, na França. Paisagem rural situada na região montanhosa do Maciço Central.



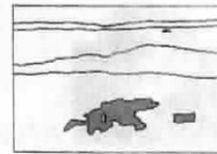
Relevo



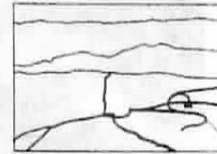
Vegetação



Culturas



Construções



Estradas e caminhos

### ROTEIRO DE ESTUDO DA PAISAGEM

1<sup>ª</sup>) Distinguir e estudar o que a natureza produziu.

Exemplos:

- *O relevo* — Como se apresenta o relevo no primeiro, no segundo e no terceiro plano?
- *A vegetação* — Há florestas? bosques? árvores isoladas? Em que planos se encontram estes elementos?  
Há outras anotações que você queira fazer?

2<sup>ª</sup>) Distinguir e estudar os elementos humanizados.

Exemplos:

- *As culturas* — Como os homens utilizaram os diferentes planos da paisagem? Que atividade econômica predomina? Existem campos cultivados? Pastagens? Onde? É possível distinguir o tipo de plantação?
- *As construções* — As construções são numerosas? Como estão dispostas? Estão todas aglomeradas formando uma vila ou há algumas dispersas, espalhadas pelos campos cultivados? Em que se assemelham as residências? Como são os telhados das casas? Além das residências, há igreja, indústria ou outro tipo de construção?
- *Estradas e caminhos* — Quantos você pode distinguir nesta paisagem? Qual a ligação deles com a vila? Que outras anotações você quer fazer?



Agora *investigue o seu meio*, respondendo às questões do Caderno de Avaliação (1ª investigação, página 202).

### ■ Como descrever uma paisagem

Agora que você já é capaz de reconhecer as principais formas de relevo, fica mais fácil ver as paisagens que estão a sua volta. Mas, para *ver* realmente o mundo ao seu redor, você precisa:

- *aprender a observar*, isto é, examinar tudo com muita atenção;
- *conseguir descrever*, isto é, contar com detalhes tudo o que se encontra ao seu redor.

Para *observar e descrever*, você precisa *organizar*, isto é, seguir um determinado caminho até conseguir seu objetivo. Em outras palavras, você precisa *seguir um método*.



Palavras-chave que você precisa compreender: *observar, descrever, organizar, método, localizar, parte ou plano, elementos naturais e elementos culturais.*

Foto 6. Caillac, pequena vila localizada entre as montanhas dos Alpes, na França (Europa).

No método que você vai usar, deverá responder a três questões principais:

- *Onde?*
- *Como?*
- *Por quê?*

Compreender o método é muito fácil, basta seguir com atenção as explicações.

Método que você vai aprender: *Como observar e descrever uma paisagem.*

#### Onde?

Responder a essa questão é *localizar a paisagem*, é dizer onde fica o lugar que você está vendo, seja pessoalmente ou através de foto.